

O CARÁTER IMANENTE DO GÊNERO DO SUBSTANTIVO NO PORTUGUÊS¹

José Mario Botelho
(ABRAFIL, UERJ)

INTRODUÇÃO

As nossas gramáticas normativas e compêndios gramaticais tratam o fenômeno da flexão de gênero dos nomes de maneira uniforme, repetindo as mesmas considerações. Porém, aceitando como pertinentes os conceitos tradicionais de flexão e derivação sufixal, e confrontando-os, surgem, de imediato, dúvidas quanto àquilo que consideram pacificamente flexão de gênero dos substantivos em português, os quais se distribuem em masculinos e femininos, considerando o gênero do seu determinante.

Tal classificação de gênero é arbitrária e convencional, o que lhe dá um caráter imanente.

Os dados da língua mostram que a formação de uma palavra para o gênero feminino a partir de uma forma-base e uma marca de gênero não constitui um processo sistemático e obrigatório para todos os substantivos portugueses. Acreditando na IMANÊNCIA do gênero desta classe de palavras e buscando respaldo nos trabalhos de Câmara Jr., Basílio, Herculano de Carvalho, Matthews e outros, e principalmente na afirmação feita por Sandmann de que “O morfema que indica gênero nos substantivos (...) é um traço lexical, é um sufixo. Já nos adjetivos o morfema de gênero é uma flexão (...)” (1991, p. 41), desenvolvi este trabalho, que, além de constituir uma contribuição para o estudo de gênero, com a intenção de negar o caráter flexional do gênero dos substantivos e oferecer subsídios para reflexões e formulação de novas hipóteses, apresenta alguns conceitos fundamentais de Morfologia.

DESENVOLVIMENTO

Depois de uma introdução em que eu teço uma crítica sintética à abordagem tradicional acerca do assunto e comento as partes do livro e o conteúdo de cada uma, explico os Princípios Teóricos que nortearam o presente estudo.

Como Conceitos Básicos, descrevo as Morfologias Lexical e Flexional e faço alusão acerca dos objetos de estudo de cada uma delas. Começo por apresentar os conceitos de derivação e de flexão definidos pela Tradição Gramatical e por estudos mais recentes. Demonstro que os gramáticos conceituados:

¹ Este texto, que constitui um resenha crítica do meu livro *O Gênero Imanente do Substantivo no Português 2005*, foi proferido na reunião do dia 23 de setembro de 2005 da ABRAFIL.

² As observações feitas no presente trabalho se referem às edições antigas da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara. Na 37ª edição (1999), o autor apresenta uma digressão que corrobora a imanência do gênero do substantivo no português.

Bechara², Almeida, Rocha Lima e Celso Cunha e Cintra; os teóricos: Kehdi, Basílio, Freitas e Sandmann; os lingüistas: Câmara Jr., Herculano de Carvalho, Hjelmslev e Matthews, repetem os mesmos conceitos, pouco ou nada acrescentando ao fato de ser a Derivação um fenômeno assistemático, aberto, fortuito e que se destina à criação de novas palavras, e de ser a Flexão, em contrapartida, um fenômeno sistemático, fechado, obrigatório e que se caracteriza por alterar o sentido da palavra-base, dando-lhe uma modalidade específica, sem criar uma nova palavra.

Em seguida, comparo Derivação Sufixal e Flexão, considerando os ensinamentos estabelecidos tradicionalmente, e tomo como fundamental o fato de a derivação sufixal se destinar à criação de novas palavras e de a flexão, à formação de modalidades de uma mesma palavra, ou seja, enfatizo a distinção entre palavras diferentes (o que Matthews denominou **wordformation**) e diferentes formas de uma mesma palavra (o que o mesmo Matthews denominou **wordform formation**).

Outro aspecto relevante na distinção entre derivação sufixal e flexão é o aspecto sintático, que estabelece regras de congruência. A concordância, que é determinada por fatores sintáticos, independentes da vontade do falante, caracteriza a flexão. É este o caráter natural das formas que surgem por meio da flexão, o que não ocorre com a derivação sufixal, cujas formas constituem novas palavras, as quais independem de aspectos sintáticos. Logo, onde ocorre a concordância ocorre a flexão; porém, isso não é mesmo que dizer que onde ocorre a flexão ocorre a concordância.

Depois desse capítulo inicial, passo à descrição do gênero do substantivo no português, explicitando *Questões Gerais e Específicas*. Naquelas, começo, apresentando *um pouco de história do gênero em português*, em que relembro a divisão latina tripartida (masculino, feminino e neutro) e sua evolução, e faço alusão a algumas palavras que passaram de masculinos para femininos e vice-versa. Depois trato do *gênero do substantivo, segundo a tradição*, em que critico a sua forma de apresentação do gênero dos substantivos; comento *a natureza do gênero do substantivo*, cuja descrição feita pelas nossas gramáticas se mostra insatisfatória, como já reclamava o saudoso Mattoso Câmara em várias obras, e afirmo que todos os substantivos em português têm um gênero gramatical pré-estabelecido, previamente determinado ou a ser determinado num contexto, diferentes dos adjetivos, que recebem um gênero gramatical, pois concordam com o substantivo a que se ligam – processo de caráter obrigatório e sistemático. Ainda naquelas questões gerais, “Quanto à significação” e “Quanto à terminação”, apresento *a distribuição dos substantivos portugueses em gênero*, como o fizeram Celso Cunha e Cintra, baseados no texto de Said Ali.

Apresento também uma *Classificação de gênero dos substantivos: uma proposta didática*, a partir da qual se distribuem em: 1) substantivos de gênero a ser determinado, dependente do contexto (masculinos e femininos: o/a artis-

ta, o/a estudante, o/a carioca, o/a consorte) e 2) substantivos de gênero pré-determinado, independente do contexto (masculinos e femininos: todos os demais), e finalizo esse capítulo, tratando da *Morfologia de gênero do substantivo em português*, descrevendo a *Variação de gênero dos substantivos: um processo lexical*, já que muitos são os modos de se formar o feminino de um nome substantivo, ou melhor, muitas são as formas de se apresentar um nome feminino referente a um outro masculino, uma vez que se podem formar com a marca de gênero “-a” (“menino/menina, mestre/mestra, cantor/cantora, etc.), com um dos diversos sufixos femininos (conde/condessa, galo/galinha, poeta/poetisa, etc.), com a supressão da vogal temática (anão/anã, cidadão/cidadã, irmão/irmã, etc.) ou com um outro tipo de alteração fonológica da forma-base (sultão/sultana, valentão/valentona, europeu/européia, judeu/judia, etc.), com a anteposição de um determinante feminino (o/a paulista, um/uma adolescente, aquele estudante/aquela estudante, etc.), com uma estruturação sintática (o jacaré macho/o jacaré fêmea, o macho da cobra/a fêmea da cobra, etc.) e com heteronímia (homem/mulher, genro/nora, bode/cabra, boi/vaca, etc.).

Em *Questões Específicas*, sinteticamente comento as visões de Mattoso Câmara, Herculano de Carvalho e P. H. Matthews. Em *O gênero imanente dos substantivos, segundo Câmara Jr.*, enfatizei a noção de imanência do gênero dos nomes substantivos, desenvolvida pelo ilustre autor, que, apesar de uma exposição convincente quanto ao caráter imanente do substantivo no que se refere ao gênero gramatical, concebia flexão na formação do tipo “aluno/aluna”.

Em *A visão crítica sobre gênero de Herculano de Carvalho*, limito-me a repetir os conceitos convenientes e esclarecedores, feitos pelo autor, acerca de “atualizadores léxicos”, a partir de cuja noção as denominadas “vogais temáticas” são consideradas “sufixos” e de “tema”, que, para o autor não é exatamente o radical acrescido da vogal temática (que acabamos de observar que o autor concebe como um sufixo), mas tão-somente o radical ou uma forma-base (forma pronta para receber uma derivação ou uma flexão), além da afirmação categórica de que “*não é o fato de em port. existirem duas palavras diferentes – homem/mulher, pai/mãe, boi/vaca e ainda filho/filha, lobo/lobo (das quais estas não são formas de uma flexão, mas palavras diferentes tanto como aquelas) – (...) que permite afirmar a existência das classes do masc. e do fem., mas, sim, o facto de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas (...) formas que de fato constituem uma flexão.*” (1969, p. 323).

Em *O gênero lexical dos substantivos, segundo Matthews*, uma abordagem da formação de gênero dos nomes italianos, que muito se assemelha à formação de gênero dos nomes portugueses, constatei a conveniência da aplicação daquela teoria desenvolvida pelo autor na solução do problema em língua portuguesa. Assim, a partir da hipótese de ser a formação genérica dos nomes em português um processo lexical – derivação sufixal –, apliquei a teoria que Matthews estabeleceu criteriosamente, para distinguir palavra ou unidade fônica

(**wordform** ou apenas **word**) de lexema ou unidade mórfica, significativa e fundamental do léxico de uma dada língua (**lexeme**), e me convenci de que em formações do tipo “menino/menina” se têm dois lexemas (unidades mórficas) e não duas palavras (unidades fônicas ou tão-somente “vocábulos”). Convém ressaltar que o autor não distingue “vocábulo” (unidade física, que pode ser fônica ou gráfica, desprovida de significação – “significante”, segundo Saussure) de “palavra” (unidade mórfica ou léxica, constituída de significante e significado – “o signo lingüístico” propriamente dito, segundo Saussure).

Portanto, “belo”, “bela”, “belos” e “belas” são formas (palavras ou unidades fônicas – vocábulos) do lexema “belo”, do mesmo modo que “menino”, “meninos” o são do lexema “menino”, enquanto “menino”, “menina” são formas diferentes de lexemas diferentes, i. é, são dois lexemas diferentes. Pode-se observar, por conseguinte, que Matthews opõe “vocábulo ou palavra” a “lexema”.

Em *Considerações sobre a variação de gênero do substantivo e o morfema “-a”*, considerando os pressupostos teóricos tradicionais sobre Derivação, Derivação Sufixal e Flexão (estudados no início deste livro) e as digressões de Mattoso Câmara, Herculano de Carvalho e Matthews, cheguei à conclusão de que o morfema de gênero “-a”, que se acresce a formas-base para a formação de substantivos femininos, é um morfema lexical (denominado tradicionalmente “sufixo”) e a de que o morfema de gênero “-a”, que se acresce a formas-base para a formação de adjetivos femininos, é um morfema flexional (comumente denominado “desinência”).

Finalizei esse capítulo tecendo comentários sobre o *Índice de gênero dos substantivos e outros determinantes*, corroborando a concepção de Matoso de que o artigo é o determinante de substantivo por excelência, e que outros, como o adjetivo, o pronome e o numeral, de regra o substituem como índice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, registrei algumas conclusões a que cheguei acerca do assunto, tais como: o gênero do substantivo é imanente, ou seja, faz parte da sua constituição, porquanto surge no momento da concepção do ser a que se refere e, mesmo que no uso da língua ele venha a ter seu gênero trocado, sempre terá um dos gêneros gramaticais (masculino ou feminino) obrigatoriamente; não há na formação de gênero feminino dos substantivos o caráter obrigatório, não sendo, pois, um processo sistemático e fechado, uma vez que muitos são os modos de formar uma palavra feminino para a oposição sexual a uma palavra masculina; a marca de gênero “-a” é para os substantivos um sufixo derivacional ou lexical, já que se destina à formação de palavras novas (ampliação do léxico), e para os adjetivos um sufixo flexional, já que seu uso se submete a regras de concordância; e a distribuição de gênero dos substantivos é equivocada e inconsistente, pois concorrem para a sua classificação critérios múltiplos (morfológico, semântico, pragmático e até biológico). Melhor seria distribuir os substantivos quanto aos gêneros gramaticais em dois grupos (masculinos

ou femininos previamente determinados e masculinos ou femininos a serem determinados num contexto) ou em três (masculinos previamente determinados, femininos previamente determinados, masculinos ou femininos a serem determinados num contexto).

Convém ressaltar que atualmente têm surgido estudos sob o ponto de vista da imanência do gênero do substantivo no português. Logo, a proposta que apresento nada tem de inovador do ensino gramatical referente ao gênero do substantivo, pois muitos estudiosos, e até mesmo pessoas interessadas nos estudos acerca de gramática, vêm percebendo há muito tempo que o tratamento dado pela Tradição à questão do gênero dos nomes é inconsistente. A prova disso pode ser encontrada na última edição da *Moderna Gramática Portuguesa* (1999), de Evanildo Bechara, e no *Fundamentos de Gramática do Português* (2000), de José Carlos de Azeredo, que corroboram este meu posicionamento sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 33^a ed. São Paulo: Saraiva, 1985.
- ALONSO, Amado & URENA, Pedro Heniquez. *Gramática Castellana*. 14^a ed. Buenos Aires: Losada, 1957.
- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 2^a ed. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. "O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português". In: *Flores Verbais*. Organização de Jürgen Heye, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 177-92.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 28^a ed. Rio de Janeiro: Nacional, 1983.
- _____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BOTELHO, José Mario. *O Gênero Imanente do Substantivo no Português*. Rio de Janeiro: Botelho, 2005.
- CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Dispersos*. Seleção e introdução por Carlos Eduardo Uchôa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 15^a ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Princípios de Linguística Geral*. 7^a ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.
- _____. *Problemas de Linguística Descritiva*. 14^a ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7^a ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

- CUNHA, Celso e CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. p. 63-6. Xerox.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed. 14. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FREITAS, Horácio Rolim. *Princípios de Morfologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- HERCULANO DE CARVALHO, José Gonçalo. "Subseção do verbete GÊNERO" ("Gram.") In: *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Verbo, V. 9, 1969, p. 320-3.
- _____. "Subseção do verbete CATEGORIAS GRAMATICAIIS" In: *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Verbo, V. 4, 1969, p. 1528-9.
- _____. "Atualizadores Léxicos" In: *Revista de Cultura*, 67(5). Petrópolis: Vozes, 1973, p. 385-96.
- _____. *Teoria da Linguagem: Natureza do Fenômeno Lingüístico e a Análise das Línguas*. Vol II, 4. Imp. Coimbra: Coimbra, 1984.
- HJELMSLEV, Louis. *Sistema Lingüístico y Cambio Lingüístico*. Version española de Berta Pollares de R. Arias. Madrid: Gredos, 1976.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *Formação de Palavras em Português*. São Paulo: Ática, 1992.
- MACEDO, Walmírio. *Elementos para uma Estrutura da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- MATTHEWS, P. H. *Morphology: An Introduction to the Theory of Word-Structure*. Cambridge University Press, London, 1974.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 29ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- SAID ALI, M. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. Revista e comentada pelo Prof. Evanildo Bechara. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1964.
- SANDMANN, Antônio J. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1991.
- _____. *Competência Lexical: Produtividade, Restrições e Bloqueio*. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.
- _____. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SILVEIRA, Sousa da. *Lições de Português*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1988.

- SCHNEIDER, Cristina. "Flexão Nominal" In: *Estudo de Lingüística e Língua Portuguesa I*, Série Letras e Artes 05-74, Cadernos da PUC-RJ nº 15, 1974, p. 95-100.
- SPENCER, Andrew. *Morphological Theory: An Introduction to Word Structure in Generative Grammar*. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1991.
- WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português*. Tradução de A. Houaiss, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda. 1991.